

Alguns passos históricos



A mulher de letras: nos rastros de uma história

Constância Lima Duarte*
Kelen Benfenatti Paiva**

RESUMO:

O artigo propõe uma discussão sobre a emergência da mulher no universo letrado, que passa, necessariamente, pela questão de sua educação, sua admissão no espaço público e seu reconhecimento como intelectual. Assim, faz-se necessário refletir sobre os caminhos trilhados pelas mulheres na conquista de seu lugar ao sol, para compreender o que se entende, no século XXI, por “mulheres de letras”. Nesse sentido, vale lembrar quatro instâncias importantes de entrada da figura feminina no meio intelectual: o magistério, os salões, o periodismo e a epistolografia.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. História das mulheres. Vida intelectual.

Diante da tela, as mãos juntando letras, as ideias se configurando em palavras, frases, parágrafos, páginas, livros, em um exercício de escrita, movido pelo prazer da realização intelectual, encontra-se a mulher do século XXI, desdobrando-se, movendo-se entre papéis sociais, entre a administração do lar, ainda que de forma indireta, e a elaboração da letra. Ocupando cada vez mais espaços antes a ela negados, pode-se dizer que a mulher garantiu seu lugar ao sol, ou ao menos em parte.

Sem perder as aspirações e a ciência de que ainda existem obstáculos no trajeto da ascensão feminina à vida pública, em pleno século XXI, pode-se também afirmar que esta história de conquista, como todas as outras de grupos de alguma forma marginalizados pela sociedade, foi marcada por eventos que não aparecem na história oficial. Muitas vozes foram silenciadas, nomes esquecidos, dados apagados.

É em busca de parte desta história apagada, mas que deixou vestígios, que o presente artigo se insere com o intuito de mapear e refletir sobre alguns rastros da participação da mulher no cenário das letras. Para tanto, dois caminhos são fundamentais para se compreender a atuação feminina na vida intelectual, a educação e a literatura, duas vias de acesso da mulher ao espaço público.

Antes, contudo, de se pensar uma possível definição para a “mulher de letras”, faz-se necessária uma reflexão acerca do que, ao longo dos anos, se definiu como “homem de letras”. Roger Chartier, em “O homem de Letras”, retoma a definição de “letrados” proposta por Voltaire, segundo a qual este seria uma espécie de enciclopedista, um homem que possui conhecimentos em todas as áreas do saber, um “belo espírito” dotado de “imaginação brilhante nos prazeres da conversa, sustentados pelas leituras correntes”. Seriam homens de letras, portanto, aqueles homens de estudo e de leitura que conviviam socialmente com seus pares.

Seguindo a trilha proposta por Chartier, cabe ressaltar dois aspectos dessa definição que nos permitem pensar a questão do ingresso da mulher no universo das letras e seu tardio reconhecimento como escritora e intelectual. O primeiro deles é o acesso ao conhecimento, à educação. O segundo, o convívio social, sua mobilidade no espaço público, “os prazeres da conversa”.

Considerando o pressuposto de que o “homem de letras” é aquele que detém o saber, a mulher encontrou aí um persistente empecilho para seu reconhecimento enquanto intelectual, uma vez que a ela foi negado durante muito tempo o direito à educação. As discussões datam do século XIX, alguns defendiam a educação como forma de libertação da mulher, outros acreditavam que era necessária uma educação voltada à formação moral, uma educação controlada, pois, para ser mãe e esposa

virtuosa, a formação do caráter seria mais importante que os conhecimentos instrutivos. Assim, justificava-se uma formação voltada sobretudo às prendas domésticas, ao cuidado do lar e dos filhos, uma “educação da agulha” que não ameaçasse a estrutura familiar e que não deixasse vago o papel social atribuído à figura feminina: o de mãe e esposa.

Na contramão desse discurso que destinava a mulher unicamente ao âmbito do privado, do lar, e a favor da educação feminina, levantaram-se vozes de mulheres que almejavam mais que o espaço dos bastidores. Vozes como a de Dionísia de Faria Rocha, mais conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta¹, escritora potiguar nascida em 1810. Mulher à frente de seu tempo reivindicou o direito à educação para as mulheres, por meio de seus escritos e de uma prática educativa pautada em uma formação que permitisse à mulher participar da vida cultural e política de seu tempo. Outras também romperam o silêncio e fizeram da escrita uma forma de ultrapassar os limites impostos a elas, adentraram o universo das letras via jornais, revistas e a publicação de livros. Lembremos algumas: Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), que foi fundadora e editora do *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro, em 1852, importante veículo que tinha como propósito contribuir para educação e emancipação moral da mulher; Júlia da Costa (1844-1911), que participou de polêmicas nos jornais em um tempo em que este espaço ainda era predominantemente masculino; Inês Sabino (1853-1911), que defendeu a liberdade das mulheres quanto ao direito à escolha consciente de ter tanto família quanto carreira e que em seus escritos denunciou as práticas sociais que as marginalizavam; Emília Freitas (1855-1908), escritora abolicionista e republicana, que se preocupou com a violência contra a mulher e com sua situação na sociedade de seu tempo; Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que em suas crônicas fez campanhas em defesa da educação da mulher, além de tratar da condição feminina em seus romances; Maria Sabina (1898-1991), declamadora, escritora e jornalista que se destacou no movimento feminista e nas discussões sobre os direitos das mulheres; Cecília Meireles (1901- 1964)², que dirigiu uma seção de jornal na qual expunha sua insatisfação com a política nacional e usou essa posição para defender os ideais da Escola Nova e lutar por uma educação sem divisões de sexo, raça e religião, argumentando a favor da criação de escolas em que meninos e meninas pudessem dividir o mesmo espaço.

A defesa da educação feminina presente no discurso de tantas escritoras se justifica, pois o acesso à educação de certa forma facilitaria a emergência da mulher no espaço público, bem como garantiria seu convívio social, sua participação “nas conversas”. Contudo, a resistência a uma educação multifacetada que dava possibilidades de inserção à mulher na vida pública e no mercado de trabalho é facilmente apreendida em diversas áreas do saber e em diferentes discursos.

A íntima relação entre educação e emancipação feminina pode ser evidenciada quando analisamos uma das vias de acesso da mulher ao trabalho fora do âmbito dos afazeres domésticos: o magistério. Seja em sua configuração inicial, em que mulheres trabalhavam como preceptoras nas casas brasileiras e eram encarregadas de educar as jovens, seja na regência das salas de aula. Guacira Lopes Louro, em “Mulheres na sala de aula”, destaca a importância do magistério no processo de emancipação feminina e atenta para as discussões, desde o século XIX, sobre o tema:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. [...] Outras vozes surgiam para argumentar na direção oposta, afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequeninos (LOURO, 2001, p. 450).

Em relação à educação da mulher, ao seu ingresso no magistério, prevaleceu a concepção da maternidade enquanto vocação feminina e a da atuação na sala de aula como extensão dessa vocação. As normalistas, ou professorinhas, como eram chamadas as jovens recém-formadas, ocuparam então um lugar demarcado para a mulher, preservando sempre a sua imagem, controlando suas falas, comportamentos e atitudes, no intuito de serem exemplos para suas alunas.

Conquistado o direito de se educar e de educar a outras, as mulheres precisavam ainda ultrapassar fronteiras que as limitavam a um universo mais restrito, aos alargamentos dos papéis de mãe dedicada e de boa esposa. A literatura foi uma forma encontrada por elas para ampliar sua participação na vida pública, primeiro por meio de um espaço semipúblico, os salões de poesia, saraus realizados nas residências de intelectuais e figuras da elite brasileira. Depois, pela participação em eventos do cenário cultural e literário e por sua crescente publicação em jornais e revistas especializadas.

Os salões

O hábito de se reunirem pessoas de alta condição social e parte da intelectualidade teria sido uma herança do Império, segundo Machado Neto (MACHADO NETO, 1973, p. 159), que destaca o considerável número de salões existentes no Brasil nesse período. Salões frequentados por importantes escritores da literatura brasileira como Alencar, Machado, Nabuco, Taunay, entre outros.

Tal herança se estendeu também ao século XX, que viu florescer e multiplicar o número de salões literários. Com reuniões frequentes e presença de nomes de destaque da intelectualidade brasileira, e às vezes também estrangeira, os salões tiveram significativa importância em nossa história cultural. Neles realizavam-se saraus em que se recitavam poemas publicados e inéditos, falava-se sobre literatura e outros assuntos, criavam-se redes e amizades literárias, como bem destaca Machado Neto:

No comum, era nesse amável convívio dos salões que as apresentações eram feitas, que os prestígios eram cultuados, que os patrocínios eram assumidos e – por que não?! – as perfídias contra os adversários eram combinadas e... ensaiadas *intra muros*, à custa das rivalidades internas... (MACHADO NETO, 1973, p. 163).

Pode-se afirmar que os salões foram importantes para a vida literária brasileira e também para o lento processo de aceitação da mulher no espaço público, uma vez que foi este uma espécie de espaço semipúblico pelo qual a mulher abriu caminho para o convívio intelectual. Foram várias as damas da sociedade que receberam em suas casas e, ainda que de forma discreta, participaram “da conversa”. Talvez a inserção feminina neste espaço tenha se dado pelo modelo europeu, mais especificamente pelo parisiense. Da França tem-se notícia de certo “predomínio feminino” na direção dos salões, ainda que, em meio aos depoimentos sobre essas mulheres podem ser lidas as reservas feitas à atuação feminina.

Sobre o assunto, são interessantes os exemplos de depoimentos citados por Chartier sobre os salões parisienses, segundo os quais caberia à mulher o papel de “orientar a conversa”, mas de uma forma “invisível e discreta”. Madame Geoffrin, que fazia de sua casa um “local de encontro das letras”, é assim descrita por Marmontel:

[...] esta mulher, que durante a sua vida não lera nem aprendera nada senão muito sumariamente, encontrando-se no centro de uma ou de outra sociedade [dos artistas e dos letrados], não lhes era na verdade estranha; evidenciava até bastante à vontade; mas possuía o bom senso de nunca falar senão do que conhecia bem, e de dar em tudo o resto, a palavra a pessoas instruídas, sempre sentada com cortesia, sem sequer dar mostras de enfado em relação àquilo que

não entendia; mas mais habilidosa ainda a presidir, a vigiar, a segurar nas mãos aquelas sociedades naturalmente livres, a delimitar esta liberdade e a restabelecê-la através de uma palavra, um gesto, como um fio invisível, quando ela queria fugir: “Vamos, agora está tudo bem”, era geralmente o sábio sinal que dava aos seus convidados (CHARTIER, 1997, p. 130).

Segundo Chartier, devido à atuação feminina, os salões sofreram críticas por “corromperem as mulheres e enfraquecerem os homens” por meio de uma “vida sedentária e doméstica”. Talvez a corrupção feminina se devesse ao desejo da mulher de participar da conversa, de estar, ainda que de forma discreta, entre artistas e intelectuais, à aspiração de pouco a pouco se tornar parte desses grupos.

Ser reconhecida como escritora, intelectual, mulher de letras, parece não ter sido muito fácil. No Brasil, além do predomínio masculino nas listas de autores canonizados, muitos salões também eram dirigidos por eles, como vale destacar o da casa de Paulo Prado, em São Paulo. Há ainda outros bastante frequentados e dirigidos por mulheres, entre os quais estão o de Veridiana Prado, o de Olívia Guedes Penteadado, e o salão da pintora Tarsila do Amaral, que funcionaram como centros culturais para a própria elite. Salões em que se reuniam artistas, poetisas, intelectuais e políticos.

Esses espaços semipúblicos foram bem aproveitados pelas mulheres escritoras, quer como forma de divulgação de seus escritos quer como meio da socialização intelectual. Nesse sentido, vale lembrar Henriqueta Lisboa (1901-1985), poetisa mineira que publicou seus versos em jornais, participou de saraus de poesia como declamadora e iniciou sua trajetória literária com *Fogo Fátuo* (1925), tendo declamado os poemas desse livro um ano antes de sua publicação em sua residência para um seleto grupo de intelectuais, amigos e familiares.

A jovem poetisa, assim como outras mulheres escritoras, conquistou reconhecimento no início de sua vida literária por duas vias, os recitais de poesia e o jornal. Henriqueta participava de vários recitais, no Rio de Janeiro, inicialmente, e também em outras cidades, como Juiz de Fora, Barbacena e Belo Horizonte. Em alguns artigos da imprensa de sua época a poetisa é chamada de “declamadora magistral” e são muitos os elogios a seu talento. Os recitais tiveram um papel para a divulgação de seu nome, pois nestes, além da declamação de autores consagrados, a escritora lia os próprios versos. E muitas vezes os comentários sobre esses versos se davam na imprensa antes mesmo de sua publicação, o que, de certa forma, contribuía para uma recepção posterior acolhedora.

O periodismo

Se os saraus de poesia aos moldes dos salões funcionavam como espaço de socialização intelectual e criação de redes, os jornais serviam à circulação e divulgação de textos literários também para as escritoras, uma forma de alcançar certa visibilidade intelectual, de discutir, de participar da “conversa”. Nesse sentido, vale ressaltar a importância desse veículo como instrumento de inserção da mulher no campo das letras – quer pela criação dos jornais e das revistas femininos quer pela publicação na imprensa já estabelecida e dirigida pelos homens –, porta de acesso bastante estreita para as mulheres que almejavam serem reconhecidas como “mulheres de letras”.

O mesmo veículo que acolheu os textos das escritoras, inicialmente sob pseudônimos masculinos e mais tarde assumindo a autoria própria, também foi palco de críticas e preconceitos em relação à mulher de letras, principalmente àquelas que não se enquadraram no modelo padrão de mulher a ser seguido.

Em um artigo intitulado “Musa”, de 1926, Abgar Renault deixa explícita certa aversão às mulheres escritoras. O autor é enfático e até sarcástico, ao dizer que “escrever versos é tanto quanto diferente de empunhar um *baton* de *rouge* ou um arminho de pó de arroz”, palavras que vêm ao encontro de

sua postura já declarada em 27 de janeiro de 1926, numa carta sobre Henriqueta Lisboa, na qual afirma que os versos de *Fogo fátuo*, primeiro livro da poetisa enviado a ele com uma “generosíssima dedicatória”, tinham lhe despertado admiração:

Tem um verdadeiro talento essa moça, não acha?
Finura, elegância, presença, assim de formas como de expressões [...] e, sobretudo, uma rara feminilidade, qualidade, a meu ver, tanto ou quanto efusiva entre as musas femininas. [...] faço questão de expressar a admiração que em mim despertaram os versos de Henriqueta Lisboa, em mim... que sou tanto séptico a propósito de inteligência de mulher...³

O discurso do escritor se insere em um momento em que havia pelo menos duas vertentes da considerada poesia feminina no Brasil: uma marcada pelo pudor, e outra, pelo desnudamento. Quanto à primeira, foi denominada por alguns como um “lirismo feminino saudável”, e talvez por isso tenha sido mais aceita em seu tempo. Quanto à segunda vertente, não há dúvidas de que tenha enfrentado mais resistência entre os importantes nomes do cenário cultural, e não faltaram críticas a essas escritoras na imprensa, pois eram interpretadas como seguidoras das “fealdades morais”, cultuadoras de uma poesia feminina “imoral” na qual só se encontravam “carícias impuras, desesperos, desânimos e pessimismos”, uma “arte de decadência”.⁴

A imagem da mulher escritora é criticada às vezes de forma feroz na imprensa:

Porque hoje em dia, quando se ouve falar numa mulher que escreve, ninguém procura saber o que essa mulher escreve; diz-se logo, ‘ela escreve’, e pelos olhos passa uma figura de mulher masculinizada, tipo de sufragista, pisando duro, sobraçando uma pasta e calçando sapatos ‘Brogue’.⁵

Criam-se, portanto, duas imagens distintas de mulheres de letras nos jornais: a da mulher que, embora se aventure pelos caminhos das letras, rompendo os limites do privado, segue certos padrões de comportamento estabelecidos para ela, e a da que, definitivamente, não se submeteu a esses padrões e chocou a sociedade de seu tempo por meio da literatura e de um comportamento nada convencional, o que lhe rendeu críticas e ressalvas. Um caso representativo desse segundo grupo é Gilka Machado (1893-1980), que elegeu o desejo feminino como principal motivo de seus versos, o que lhe rendeu duras críticas.

A representação da mulher de letras na imprensa nas primeiras décadas de 1900 evidencia o ambiente muitas vezes hostil e pouco acolhedor para a mulher que buscava reconhecimento entre os intelectuais de seu tempo, bem como nos possibilita refletir sobre a construção do que se costumou nomear como o feminino.

Essa dupla representação da mulher de letras também se encontra nas críticas nem sempre acolhedoras feitas por Mário de Andrade em relação a textos de escritoras suas contemporâneas: “Em quase todas as mulheres que tomam a forma de *intelectuais* sempre alguma coisa me desagradava, algum abuso de si mesmas, algum excesso, algum esquecimento igualmente falsificador” (Apud DUARTE, 1997, p. 105).

As concepções de Mário sobre a mulher podem ser apreendidas ainda em sua correspondência com Carlos Drummond de Andrade, em que escreve: “Quer minha opinião sincera sobre a mulher? Acho a mulher o mais incomparável vir-a-ser que tem neste mundo. A mulher é sempre um vir-a-ser até que encontre alguém que a faça ser” (Apud SANTIAGO, 2002, p. 140). E aconselha a Drummond:

Ora você faça a sua mulher ser, trabalhe ela, faça ela o quanto possível interessar-se ativamente na sua vida de dentro e de fora do lar e sobretudo na vida intelectual e moral de você sempre sem se esquecer da indulgência grande que sabe ter diante de si uma inteligência aplicada aos sentimentos (Apud SANTIAGO, 2002, p. 140).

O conselho dado a Drummond parece ter sido seguido também pelo próprio Mário, que, no diálogo mantido com figuras femininas, empenhou-se em ocupar o lugar daquele que faria o vir-a-ser tornar-se um ser. Assim o foi com Anita Malfatti, estimulando-a a seguir trilhando o caminho da arte moderna, a permanecer no cultivo à originalidade de sua pintura iniciada com a exposição de 1917, e a vencer as barreiras de um ambiente conservador e cheio de incompreensões. Assim foi também com Henriqueta Lisboa, com quem manteve um extenso diálogo epistolar marcado por orientações poéticas e opiniões pessoais sobre temas literários, filosóficos e políticos.

As considerações de Mário de Andrade em relação à mulher, presentes tanto nos textos publicados na imprensa quanto nos epistolares, são importantes para que se possa apreender o ambiente muitas vezes hostil e pouco acolhedor para a mulher que buscava reconhecimento entre os intelectuais de seu tempo.

Na busca pelo reconhecimento, as mulheres fundaram e dirigiram jornais e revistas femininos. Nestes eram comuns temas ligados à literatura, ao teatro, às artes de forma geral, à moda, à mulher, às condições sociais em que viviam, às discussões sobre os espaços por elas almejados. Data de 1852 o primeiro periódico feminino brasileiro feito por mulheres, o *Jornal das Senhoras*, editado no Rio de Janeiro. Antes, contudo, como destaca Dulcília Buitoni no livro *Mulher de Papel*, houve periódicos femininos fundados e dirigidos por homens e dedicados às mulheres, como o pioneiro *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827, no Rio de Janeiro; *O Espelho das Brasileiras*, em 1831, em Recife; *A Fluminense Exaltada*, em 1832, no Rio de Janeiro, entre outros.

Outros jornais foram criados com o intuito de divulgar textos de autoria feminina e discutir assuntos relativos às mulheres: o *Correio das Modas* (1839-1841); *O Sexo Feminino*, primeiro jornal feminista, fundado em 1873; *A Família* (1888 a 1897), fundado em São Paulo, em 1888, e mais tarde transferido para o Rio, em cujas páginas está registrada a luta das mulheres pelo direito ao sufrágio, tão bem representada pela voz da escritora Josefina Álvares de Azevedo, que participou intensamente desta luta.

Como bem mostra o número de jornais e revistas criados por mulheres, esta foi uma estratégia importante para facilitar a inserção e participação feminina na imprensa do país, uma forma de tornar-se parte do meio intelectual, literário e político em que viveram e produziram muitas mulheres, hoje pouco lembradas.

A epistolografia

Vencido o principal obstáculo à sua inserção no cenário das letras, o acesso à instrução, à educação, driblando os preconceitos herdados por um legado masculino na imprensa, a mulher de letras continuou encontrando dificuldades para que se reconhecessem a sua capacidade e o seu direito de ser escritora. Entre as dificuldades, a conflituosa tarefa de conciliar as atribuições ao longo dos anos destinadas à mulher e seus novos interesses relativos à participação na vida intelectual.

Sobre as dificuldades de conciliar o papel social atribuído à mulher com as novas funções e a vida pública almejadas por elas, são significativas as cartas de Cecília Meireles⁶ enviadas a Henriqueta Lisboa em que o tema surge em tom confessional, e a autora desabafa as inquietudes de uma mulher que se vê sobrecarregada de atribuições domésticas e intelectuais. A angústia causada pelo ritmo alucinante

de trabalho e pelas condições de saúde desfavoráveis pode ser apreendida na carta de 19 de março de 1945, em que ela afirma: “sou obrigada a trabalhar tanto, em coisas inadiáveis, por debaixo dos remédios estou como uma coisa partida”⁷; ou ainda na de 27 de abril de 1945: “Estou precisando muito libertar-me de tantos compromissos, de tantas ocupações. Preciso aprender a dizer não”.⁸

No ano seguinte, a situação não é diferente; Cecília escreve em carta de 14 de agosto:

Minha cara Henriqueta: apresso-me em responder à sua carta de hoje, porque de tal forma anda a minha vida que não posso garantir senão o imediato. Tenho passado as mais tenebrosas desventuras, estou como um boxeador arrasado, com as mãos no estômago, caído de bruços no trabalho.⁹

O excesso de trabalho rende à autora uma sensação de exaustão tão bem representada pela metáfora do boxeador abatido na luta ou pela “coisa partida”. Cecília cria, diante de sua interlocutora, imagens poéticas que retratam a inquietude e o cansaço diante das inúmeras atribuições, o cansaço de lutar contra “a matéria” humana.

As cartas de Cecília endereçadas a Henriqueta registram não apenas a história de uma mulher que desejou e participou ativamente da vida intelectual brasileira de seu tempo, mas espelha e reflete a história de muitas outras mulheres que almejavam o reconhecimento e a atuação enquanto mulheres de letras no cenário cultural. Nesse sentido, cabe ressaltar que a carta funciona como arquivo de parte dessa história.

Além da função de arquivamento, a troca epistolar vem suprir a necessidade do convívio intelectual para cumprir o segundo pressuposto destacado por Chartier em relação ao “homem de letras”, os “prazeres da conversa”. Uma forma eficiente de resolver a impossibilidade do intercâmbio intelectual presencial, de criar redes, de estabelecer diálogos, de criar amizades literárias independentes das distâncias geográficas. As mulheres não se abstiveram desse recurso para criar vínculos com outros intelectuais, para se estabelecerem como pontos nessas redes de comunicação.

Novamente recorreremos ao exemplo de Henriqueta Lisboa que guardou cuidadosamente cartas recebidas durante toda a vida de amigos, familiares, homens e mulheres de letras. Documentos que arquivam histórias de vida e de amizade literária e registram a necessidade da “conversa” para a entrada no círculo da intelectualidade. A escritora soube criar vínculos, como bem mostra a lista de correspondentes com quem manteve diálogo, dentre os quais estão Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Murilo Rubião, Oneyda Alvarenga, Murilo Mendes, Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Bartolomeu Campos de Queirós, Júlia Lopes de Almeida, Laís Correia de Araújo, Geir Campos, Nelly Novaes Coelho, Adalgisa Nery, Henriqueta Galeno, Stella Leonardos, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Ribeiro Couto, Gabriela Mistral, Jorge Guillén, Roger Bastide, Assis Brasil, Hernani Cidade, Sérgio Milliet, Antenor Nascente, Antonio Candido, Mário da Silva Brito, José Mindlin, Guilhermino César, Paulo Rónai, Oscar Mendes, entre tantos outros.

Do extenso número de correspondentes, destaca-se Mário de Andrade, que manteve, nos últimos seis anos de sua vida, um consistente diálogo epistolar com a escritora. Sem dúvidas, entrar no rol de amigos correspondentes de Mário de Andrade significou, para Henriqueta, um importante passo em sua trajetória intelectual, como atestam suas palavras: “Não quero ser ingrata para com alguns poucos amigos que me têm demonstrado interesse, mas, de fato, a única opinião capaz de me suscitar mudança de direção é a sua, Mário”.¹⁰

Henriqueta se colocou como discípula em seu discurso com o escritor paulista, alguém que estava pronta a ouvir os “ensinamentos do mestre”, o que certamente contribuiria para estabelecer o diálogo e

pode ter sido um artifício usado pela escritora. Vale lembrar, contudo, que esta atitude não se restringiu apenas às suas palavras, mas às suas decisões sobre várias sugestões de Mário de Andrade seguidas fielmente pela poetisa. Desde a mudança de um verso, uma palavra, uma imagem poética desgastada até a supressão do poema na íntegra, quando Mário não gostava definitivamente dos versos.

Como possível estratégia de inserção, nesse caso, a correspondência figura como um espaço de sociabilidade capaz de reafirmar o nome da escritora entre seus pares e também de grafá-lo nas páginas de nossa história literária. Assim, é possível pensar a correspondência como um dos caminhos encontrados pelas mulheres escritoras para se estabelecerem e serem reconhecidas como “mulheres de letras”.

Enfim, por mais de uma via de acesso ao meio intelectual transitou a mulher de letras; seja pelos salões, saraus e reuniões, seja pelas páginas da imprensa ou pelos vínculos criados por meio da troca epistolar, coube à mulher conquistar espaço entre seus contemporâneos e se autoafirmar enquanto intelectual ativa. Mas o que dizer então das atribuições da mulher de letras do século XXI? Talvez entre as muitas responsabilidades, seja dada a ela contar a história apagada dessas mulheres que tornaram possível que ela própria se tornasse parte dessa história, a história das “mulheres de letras”.

The lettered woman: in the trails of a history

ABSTRACT:

This article intends to propose a discussion on the emergence of women in the universe of literature. Such emergence embodies the question of education, admission to the public space, and recognition as intellectuals. So, it is necessary to reflect about the long way undergone by women in their conquest for a place under the sun to understand what we call, in the XXI century, “women of the letters”. It is important to remember the four ways of their entering in the intellectual world: teaching, periodic writing, literary space, and epistle writing.

Keywords: Brazilian Literature. Women history. Intellectual life.

Notas explicativas

- * Pós-Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- ** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- ¹ Sobre Nísia Floresta ver: DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: EDUFRN, 2008.
- ² Sobre a trajetória da cronista Cecília Meireles ver: LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ³ A carta arquivada por Henriqueta Lisboa não foi endereçada a ela, é possível que tenha sido escrita a José Carlos Lisboa, irmão da poetisa.
- ⁴ Artigo de J. A. Nogueira publicado em 20 de julho de 1926, no Rio de Janeiro, sob o título de “No templo de Erato”. Recorte de jornal arquivado por Henriqueta Lisboa, sem referência ao nome do jornal em que foi publicado, guardado em suas pastas no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.
- ⁵ Artigo “Uma visita encantadora”, em que o jornalista narra a visita de Henriqueta Lisboa à redação do jornal *Correio de Minas*: “entrava em nossa redação a figura espiritual da poetisa Henriqueta Lisboa, que nos encheu de alegria e deslumbramento.” Não há indicação da data e da autoria. Fato, aliás, que se repete nos arquivos, pois a escritora geralmente recortava o jornal e não anotava os dados bibliográficos.

- ⁶ A correspondência que Cecília Meireles enviou a Henriqueta Lisboa encontra-se no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, nos arquivos de Henriqueta Lisboa.
- ⁷ Carta inédita de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, pasta correspondência pessoal.
- ⁸ Carta inédita de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, pasta correspondência pessoal.
- ⁹ Carta inédita de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa arquivada no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.
- ¹⁰ Carta inédita de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade datada de 09 de dezembro de 1941 - IEB/USP.

Referências

- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel*. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.
- CARVALHO, Abigail Oliveira. *Querida Henriqueta*: Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CHARTIER, Roger. O homem de letras. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997.
- DUARTE, Constância Lima. Mário de Andrade e as escritoras de seu tempo. In: _____. *Múltiplo Mário* ensaios. João Pessoa/Natal: UFPB/Editora Universitária, 1997.
- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira*: Cecília Meireles na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: _____. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870 – 1930). São Paulo: EDUSP, 1973.
- RENAULT, Abgar. Musa. *Risos e sorrisos*, s.l., abr. 1926.
- SANTIAGO, Silviano. *Carlos e Mário*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

